

Revista Mídia e Cotidiano  
Artigo Seção Temática  
Número 7. Nov. 2015  
Submetido em: 30/09/2015  
Aprovado em: 22/10/2015  
© 2015 by UFF

## DECODIFICAÇÃO: os estudos culturais como possibilidade de entendimento à mediatização da Educação

### *DECODE: cultural studies as possibility of understanding to mediatization of the Education*

Rakel de CASTRO<sup>1</sup>; Heitor Costa Lima da ROCHA<sup>2</sup>; Maria das Graças Pinto  
COELHO<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo utiliza o instrumental teórico-metodológico dos Estudos Culturais para a análise de discursos e avaliação de como se realizam os processos de recepção, consumo e circulação das mensagens midiáticas codificadas pelo viés político, sobre educação, bem como a relação desta decodificação com as reinvenções e reordenamentos do agendamento destes temas. O objetivo do trabalho, portanto, é observar as relações de interação entre mídia, educação e política a partir da percepção de jovens estudantes do interior do Rio Grande do Norte, que vivem longe das grandes capitais e centros urbanos, nos quais há um acesso mais facilitado aos meios de comunicação e às instituições de ensino tradicionalmente mais qualificadas. As observações evidenciam que os discursos podem ser resignificados quando o tema sobre educação é pautado pelo viés político em grupos de conversações públicos.

**Palavras-chave:** Mídia; Cotidiano; Comunicação.

**Abstract:** *This article shows cultural studies as theoretical and methodological tools to conduct analysis of speeches and evaluate how to proceed reception processes, consumer and mediatization circulation, made by political bias, about education, and what relation it has with reinventions and rearrangements of scheduling these issues. The objective is, therefore, to observe the relations of interaction between media, education and politics from the perception of young students, who live in the up-country Rio Grande do Norte, which are far from the grandest capitals and urban centers where there is access more facilitated to the media and educational institutions traditionally more qualified. Observations show that the discourses and narratives can be resignified, when the issue about education is guided by political bias in public discussions groups.*

**Keywords:** *Media; Everyday Life; Communication.*

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, sanduíche na Universidade da Beira Interior / Portugal, Bolsista Capes - Proc. nº BEX 99999.008304/2014-09. E-mail: patriciascastro@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professor Dr. Adjunto do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: hclrocha@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora Dra. Adjunta do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: gpcoelho@ufnet.br.

## Introdução

Há um perfil de reconfiguração dos cenários de comunicação, política e educação na América Latina dos últimos anos (GARCIA, 2009; MORAES, 2008), que se verifica, numa escala mais específica neste trabalho, na região do Alto Oeste Potiguar<sup>4</sup>, em especial na cidade de Pau dos Ferros / Rio Grande do Norte, grande centro econômico-educacional da região. Neste contexto, a reconfiguração dos cenários de comunicação, política e educação evidencia uma valorização dos meios como difusores das agendas político-educativas, sobretudo como instrumento para a implementação mais ampla dos programas de educação dos governos federal e estadual, desde 2003, embora os seus resultados sejam mediados<sup>5</sup> como conquistas alcançadas somente pela ação exclusiva do governo municipal.

Desta forma, o objetivo é analisar as práticas sociais de recepção que se estabelecem na região do Alto Oeste, sobre a educação, quando esta é mediada pela política; mais especificamente, o trabalho desenvolve a observação de tal recepção através do discurso de estudantes das instituições de ensino da cidade sobre a educação enquanto tema tratado pela comunicação política<sup>6</sup>.

O tema é tensionado, quando se considera que, apesar do sistema de comunicação midiática tradicional produzir a notícia quase sempre seguindo de forma linear e redutora o sentido emissor → receptor, as possibilidades de entendimento e circulação, dinamizadas ainda mais com os Sites de Redes Sociais (SRSs), blogs etc., complexificam a comunicação política na cidade.

Assim, a título de contextualização teórico-metodológica, aproximaremos os Estudos Culturais às técnicas de Grupo Focal e análise de discurso.

---

<sup>4</sup> Denominação que se dá a pessoas que nasceram no Estado do Rio Grande do Norte (além de norte-rio-grandense), fazendo referência aos nativos POTIGUARAS, moradores deste território antes da colonização, que significa “comedores de camarão”.

<sup>5</sup> O termo Mediado está utilizado conforme o conceito dado por Fausto Neto (2008, p. 90 e 94), ao considerar a realidade não mais como um fenômeno representável pela linguagem, mas como algo que se constitui no próprio agenciamento enunciativo dos novos modelos de interação.

<sup>6</sup> A comunicação que conduz a ação pública. É a palavra em campanha eleitoral, “em busca do poder de prevalecer sobre as demais, de fazer cristalizar-se em regra de conduta. Esta palavra consensual vai governar as ações na sociedade, e, neste sentido, a comunicação política é o governo da ação pública”. (MATOS & NOBRE, 2014, p. 5).

## Mídia segundo os Estudos Culturais

Os Estudos Culturais configuram um deslocamento do debate científico da identidade nacional para as identidades particulares (étnicas, de gênero, regionais), expressando uma tendência distinta das que se evidenciam nas principais teorias da comunicação hegemônicas até a metade da década de 1960 nos estudos da comunicação (ORTIZ, 2004). A partir de então, concebe-se a esfera da cultura como um lugar de poder, ressignificando, inclusive, a produção e reprodução da informação midiática na sociedade.

De acordo com Martin-Barbero (2009, p. 289), nos Estudos Culturais, a cultura passa a ser necessariamente compreendida a partir “de sua natureza comunicativa, ou seja, como processo produtor de significações”. Neste sentido, conforme Braga (2006), fazemos parte de um “sistema de interação social sobre a mídia”. Através deste sistema, seria possível também avançar no conhecimento da crítica (um dos retornos possíveis), abrigo, inclusive, as respostas que a sociedade gera depois de receber o que foi produzido. Em suma, aquilo que se conversa e se ressignifica sobre o que se consome faz também parte do processo de significação e representa um empoderamento do receptor.

Nesta linha de pensamento, Michel de Certeau (1998) diz que as interações sociais são marcadas por uma arte de construir o cotidiano, partindo da ideia que é erro supor que o consumo das ideias, valores e produtos pelos anônimos sujeitos do cotidiano é uma prática passiva, uniforme, feita de puro conformismo às imposições do mercado e dos poderes sociais. Dessa forma, o autor descreve como, no consumo dos bens culturais e materiais, e aí está também compreendido o consumo de conteúdos midiáticos, existem sempre apropriações e ressignificações imprevisíveis, incontroláveis, modificadoras até de pretensões previstas na origem, no planejamento, na idealização das coisas, muitas vezes de forma diametralmente oposta à pretendida pela em codificação.

Hall (2003) mostra como os textos podem circular pela sociedade, com ênfase no papel da mídia como produtora - reprodutora da cultura e também como espaço de luta

simbólica - afinal, nem só da classe dominante se sustentam os meios, uma vez que precisam fazer inteligíveis as suas produções para o grande público. Codificação/Decodificação revela o processo de comunicação em quatro momentos distintos: Produção, Circulação, Distribuição / Consumo e Reprodução. Estas etapas, para Hall (2003), estão articuladas entre si e determinadas por poderes institucionais.

A codificação, momento da produção, é a consideração da imagem que o meio faz do receptor e também dos códigos profissionais dos produtores. Já a decodificação seria o momento do consumo/recepção, de como o código ou a mensagem é entendido pelo receptor. Apesar de serem momentos distintos<sup>7</sup>, Stuart Hall (2003, p. 366) enfatiza que o processo de decodificação deve ser entendido como fazendo parte do universo do processo de codificação e vice-versa. “Um tenta englobar o outro”.

Quanto ao momento do que ele chama de “articulação de momentos distintos<sup>8</sup>, mas interligados” (2003, p. 387), ele explica:

A transparência entre o momento da codificação e a decodificação é o que eu chamaria de momento da hegemonia. Ser perfeitamente hegemônico é fazer com que cada significado que você quer comunicar seja compreendido pela audiência somente daquela maneira pretendida (...). Ora, o problema para mim é que não creio que a mensagem tenha somente um significado. Por isso, desejo apostar em uma noção de poder e de estruturação no momento de codificação que todavia não apague todos os outros possíveis sentidos. (HALL, 2003, p. 366)

E quando se propõe a ampliar o sentido de significação, Hall (2003) usa de uma metáfora, mas é categórico:

Tudo o que eu quero dizer é que uma afirmação da BBC sobre a Guerra das Malvinas não é inteiramente aberta. Ela quer que você leia essa mensagem de uma forma determinada. O elemento da leitura preferencial se situa no ponto onde o poder atravessa o discurso, está dentro e fora da mensagem. Assim, não se pode dizer que eles são poderosos só porque controlam os meios de produção; eles tentam se infiltrar dentro da própria mensagem, para nos dar uma pista: “leia-me dessa forma”. Isso é o que quero dizer com a leitura

<sup>7</sup> O autor faz referência aos antigos estudos na área de comunicação em que havia uma certa ausência da concepção estruturada dos diferentes momentos do processo comunicativo, enquanto complexa estrutura de relações.

<sup>8</sup> Processo comunicativo enquanto complexa estrutura em dominância, sustentada através da articulação de praticas conectadas (produção, circulação, distribuição / consumo, reprodução), em que cada qual, no entanto, mantém sua distinção e tem sua modalidade específica, suas próprias formas e condições de existência. (HALL, 2003, p. 387).

preferencial. Trata-se de uma tentativa de hegemonizar a audiência que nunca é inteiramente eficaz e, usualmente, não o é. Por quê? Porque a BBC não consegue conter todas as leituras possíveis do texto. O próprio texto que codifica escapa de suas mãos. Sempre se consegue lê-lo de uma outra forma. (HALL, 2003, p. 366)

É importante salientar, no entanto, que, atualmente, não é difícil supor que, numa sociedade em rede<sup>9</sup>, os próprios sentidos emanados do poder sejam, eles mesmos, plurais, pelo fato de os processos de produção simbólica realizados por este poder sejam mais fragmentados.

### **Metodologia**

A pesquisa se utilizou das técnicas de Grupo Focal, como coleta de dados, e de análise de discurso, como técnica de compreensão sistemática dos depoimentos dos estudantes das instituições de ensino de Pau dos Ferros/RN.

No âmbito das abordagens qualitativas em pesquisa social, a técnica de Grupo Focal consiste justamente no aprofundamento da compreensão da interação entre seus participantes para colher dados, a partir de tópicos que são fornecidos pelo pesquisador (no caso o moderador do grupo). A consecução deste procedimento técnico de Grupo Focal foi obtida através do processamento do material transcrito da discussão em grupo, focada em um tópico específico (GATTI, 2005).

Segundo Powell & Silgle (1996, p. 449), “a focus group is a group of individuals selected and assembled by researchers to discuss and comment on, from personal experience, the topic that is the subject of the research”<sup>10</sup>.

Realizou-se então entre março de 2009 e fevereiro de 2011, a coleta de dados através da técnica de Grupo Focal, executada em cinco grupos de estudantes pertencentes a escolas e escolaridades distintas na cidade de Pau dos Ferros/RN. As instituições de ensino foram o IFRN<sup>11</sup>, a UERN<sup>12</sup>, a Escola Estadual Prof. José

---

<sup>9</sup> Embora esse conceito de rede não exclua as características de uma sociedade também e ainda permeada pelas mídias tradicionais e massivas.

<sup>10</sup> “Um grupo focal é um grupo de indivíduos selecionados e reunidos para discutir e comentar, a partir de sua experiência pessoal, o tópico que é objeto da pesquisa” (POWEL & SIGLE, 1996, p. 449).

<sup>11</sup> O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

<sup>12</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Fernandes de Melo<sup>13</sup> e o Educandário Imaculada Conceição<sup>14</sup> - EIC, em que os alunos se propuseram voluntariamente a participar da atividade, assinando, inclusive, um termo de autorização para o uso de imagens e de informações no âmbito desta pesquisa<sup>15</sup>.

A composição dos grupos focais variou quanto ao gênero e a idade. Os participantes foram jovens com idades que variavam entre 12 e 27 anos, dos gêneros masculino e feminino, o que pode conferir um grau maior de heterogeneidade no debate. Inicialmente foram divididos por escola e escolaridade, em cinco grupos focais, os quais variaram entre seis e 14 participantes (números tidos como referência aproximada para a composição dos grupos, porque se consegue fazer com que as questões sejam abordadas em maior profundidade pela interação grupal). A escolha deles foi condicionada pelas características comuns de serem consumidores (FEATHERSTONE, 1995; CANCLINI, 1996) de conteúdos midiáticos de cunho informativo e/ou jornalístico locais (acessam os blogs da região do Alto Oeste Potiguar, em especial os de Pau dos Ferros, SRSs com páginas oficiais e/ou ouvem as rádios, bem como os programas políticos, da cidade de Pau dos Ferros, em maior ou menor escala), ao mesmo tempo em que são usuários das políticas públicas de educação presentes em Pau dos Ferros, mesmo residindo não apenas em Pau dos Ferros, mas nas demais cidades circunvizinhas que juntas formam o Alto Oeste Potiguar, nos mais variados níveis de escolaridade: do nono ano, passando pelo ensino médio, técnico, até o superior. A duração média de cada grupo correspondeu a aproximadamente uma hora e meia.

De modo a introduzir o tema que orienta esse estudo, seguiu-se um aquecimento, sugerido por Gatti (2005, p. 30). Foi proposto que cada um dos alunos fizesse um comentário geral sobre o assunto; a partir daí, foram sendo colocados alguns pontos para que a troca de informação e opinião entre os membros do grupo passasse a se efetivar.

---

<sup>13</sup> Escola pública de nível fundamental e médio.

<sup>14</sup> Escola particular de nível fundamental e médio.

<sup>15</sup> Os alunos voluntários menores de idade apresentaram a autorização assinada pelos pais ou responsáveis legais.

Assim iniciou-se o desenvolvimento de cada grupo e, só então, foram propostos tópicos mais específicos, previstos no roteiro, até chegar ao aprofundamento da discussão.

Alguns dos tópicos específicos previstos no roteiro diziam respeito ao que eles entendiam sobre mídia, sobre educação, sobre política. Foi solicitado exemplos do cotidiano deles que eles entendiam como manifestação dessas dimensões.

Então, em seguida, algumas discussões foram equacionadas grupalmente, com a apresentação das observações finais por parte de cada participante. Após cada reunião, elaborou-se resumos das informações e impressões obtidas no GF e suas implicações para o estudo.

Vale ressaltar por fim que optamos pela realização da técnica de GF com vários grupos, para que pudéssemos ter a opinião de um grupo social de referência mais complexo. Por isso, realizou-se a atividade de coleta de dados em instituições públicas e privadas e em instituições com níveis de ensino diferenciados (nível fundamental, médio, técnico e superior), o que nos permitiu expandir o foco de análise.

Já em relação à análise de discurso (CHARAUDEAU, 2009; DIJK, 2012a, 2012b), com base nos dados coletados através dos Grupos Focais, esta foi desenvolvida levando em consideração as três principais categorias idealizadas por Start Hall (2003), através de um modelo nunca estático de CODIFICAÇÃO / DECODIFICAÇÃO: decodificação hegemônico-dominante, decodificação contra-hegemônica e decodificação negociada.

A informação obtida em cada Grupo Focal foi, então, classificada de acordo com as concordâncias e discordâncias entre as opiniões dos participantes, alteração de opiniões ocasionadas pela pressão dos grupos, respostas dadas em função de experiências pessoais, aproveitamento dos espaços de liberdade, etc.

### **Análise: Decodificando os discursos**

Stuart Hall (2003) propõe três tipos de decodificação para as mensagens transmitidas pelos meios, as quais coincidem com as categorias escolhidas para fundamentar a análise deste artigo: hegemônico-dominante, contra-hegemônica e

negociada. Na primeira, posição hegemônico-dominante, a decodificação se dá dentro do código hegemônico, isto é, segundo as referências de sua construção, pode ser entendida, no caso de Pau dos Ferros, pelo menos em parte (já que aqui considera-se a recepção sempre de uma forma plural e complexa), principalmente quando influenciada pela condição político-partidária. Se a pessoa que fez a decodificação votou no prefeito ou em seus candidatos da situação, a mensagem transmitida pelo governo executivo municipal foi apreendida e/ou aceita. E mesmo que a mensagem não seja entendida de uma maneira uniforme, ela é defendida por todo esse grupo eleitor do prefeito como se fosse a própria defesa do poder executivo local.

Nas análises que foram realizadas a partir dos grupos focais isso ficou muito evidente. Os participantes que tinham os pais / família que apoiavam o prefeito, em seus discursos, reproduziam o discurso hegemônico-dominante do poder executivo. Na região, o voto e a credibilidade ao político se dão, em grande parte, coletivamente em família.

Então, mesmo os que disseram não ouvir o programa radiofônico do prefeito relataram que acessavam blogs, SRSs com páginas oficiais, sites da cidade e sempre estavam “por dentro” (expressão usada pelos membros participantes dos GFs) e em consonância com a gestão do poder executivo. Sempre se manifestavam claramente de acordo com o que eles liam na internet ou ouviam das conversas e ações de seus familiares mais velhos (que geralmente ouviam o rádio, segundo os relatos dos participantes): “Eu não, mas meu pai ouve todos os dias. Pau dos Ferros só têm crescido com Leo<sup>16</sup>. Veja como a cidade está bonita agora, entre no site (...), ele transformou um lixão numa praça de eventos enorme, trouxe o IFRN e vai trazer a UFRSA<sup>17</sup>”, declarou uma aluna. “Toda tarde minha mãe escuta”, concluiu outra.

Em outra oportunidade um estudante destacou: “agora a gente pode fazer um ensino médio integrado com um curso técnico. Saindo da escola já temos emprego garantido”. Concordando com o participante, outro complementa o argumento atestando que seu sonho de fazer enfermagem só se tornou “possível porque Leonardo

---

<sup>16</sup> Referência ao então prefeito da época: Leonardo Rêgo.

<sup>17</sup> Universidade Federal Rural do Semi-Árido.



virou prefeito”. Em dado momento da discussão, uma aluna esclareceu em tom de vitória sobre os outros: “Pau dos Ferros não tinha prefeito, hoje tem. Hoje a educação superior é oportunizada a qualquer um, seja aluno de escola pública ou particular”.

Os discursos anteriormente citados foram bastante reproduzidos pela maioria dos alunos da escola particular de Pau dos Ferros, o Educandário Imaculada Conceição. Isso se justifica também, não só pelo acesso mais facilitado (quando comparado ao acesso que têm os alunos de escola pública) à internet pelos participantes, mas pelo contexto socioeconômico favoráveis em que vivem suas famílias (assim eles não têm muito o que reclamar ou simplesmente não se importam com o que há para reclamar, porque isso não os atinge em seu conforto de classe A e B), e pelo contexto da própria escola (a proprietária da escola é mãe do vice-prefeito, Fabrício Torquato, atual prefeito da cidade (gestão 2013-2016).

É interessante frisar que, para os alunos da escola particular Educandário Imaculada Conceição, a formação de suas opiniões e de suas práticas sociais se dão em parte pela midiaticização produzida pelos meios de comunicação, especialmente internet, e em parte pela mediação familiar. Isso fica claro quando a aluna identificada pelo grupo como a mais “falante” afirmou: “Se hoje eu tenho uma cultura para votar em Hitler, eu vou ensinar aos meus filhos também a votar em Hitler”. Isso também significa que, pelo menos em meios pequenos, a criação de blogs pode originar a necessidade de se conferir uma nova importância às relações interpessoais na produção de mensagens, o que confirmaria, ainda que, de um modo, inesperado, a teoria defendida por Lazarsfeld (*Two Steps Flow of Communication*).

Assim, foram comuns as evidências de concordâncias com a gestão do prefeito, o que pode ser facilmente compreendido pelo fato dos alunos que formaram o grupo focal já se conhecerem há muito tempo, sendo todos do nono ano do Ensino Fundamental da escola, morando em Pau dos Ferros e com idade entre 12 a 15 anos e pertencendo às classes A e B da região.

Dessa forma, foram comuns os seguintes comentários.

“...existe um programa de rádio, na FM Obelisco, que só sabe criticar o prefeito e isso é errado. Tem que mostrar o que o prefeito faz também”.

“Em época de política têm muitos programas de rádio e cada político tem o seu programa. Eles usam esses programas para criticar o opositor, mas no programa do prefeito, ele não usa as mesmas palavras baixas, porque ele tem mais educação”.

“É mais uma prestação de contas que ele faz”; “Já escutei o prefeito falando sobre educação. Por exemplo, se ele está ajudando alguma escola, ele fala”.

Apenas em poucos momentos houve certas discordâncias e, ainda assim, o aluno fez a crítica em âmbito geral, não especificamente de Pau dos Ferros.

“Todos os políticos no geral, não só os de Pau de Ferros, mas no Brasil todo, acham que educação é construir prédios, sem pensar no tipo de profissional que vão colocar lá dentro e sem ver a situação do aluno. Falta escutar o aluno”.

Entretanto, a defesa do resto do grupo foi bem incisiva:

“Mas se o prefeito constrói uma escola, é porque ele pode fazer isso, então ele pensa nos profissionais que vai colocar lá”.

A ideia da maioria desta parcela de participantes é essa mesma: “o prefeito é quem sozinho constrói as escolas”. Portanto, é o responsável pela vinda do IFRN e pela implantação dos novos cursos de graduação na UERN, por exemplo.

Como, além de tudo, ainda pertencem a uma classe social mais favorável economicamente, eles deixam bem claro que as falhas na educação do município devem ser atribuídas à própria população (eles não se veem inseridos nessa população) e não à gestão do prefeito.

“Eu acho que a população é quem é culpada, tem muitas chances e não dá valor; depois colocam a culpa no político”.

“A culpa é dos próprios alunos das escolas públicas que não dão valor ao que têm. Ficam conversando nas aulas, não levam os livros, apenas lápis e caderno”.

Ao serem questionados se já haviam estudado em escolas públicas, a resposta foi unânime: nunca estudaram em escola pública e nunca “brincaram em sala de aula até porque o Educandário não permitiria”. Isso chama atenção para o fato de que narrativas midiáticas podem, como assinalaram Couto & Ribeiro (2013, p. 372), gerar “noções de pertencimento ou não a determinado grupo ou nação”.

Por fim, quando acionados a falar mais sobre mídia, eles soltaram suas opiniões que foram se moldando com o grupo, quando o quesito representatividade midiática foi incorporado na discussão.

“Mídia é tudo que repassam para gente”.

“É o que está no auge e todo mundo usufrui, usa”.

“Mídia é TV, internet, radio...”.

“Transmissão de fatos”.

“A mídia busca levar a informação até ao telespectador e o telespectador vai adquirir aquela informação e fundamentar a sua opinião”.

“As notícias do EIC que sai nos blogs de forma positiva de Jean Carlos e do Capote, eu vejo sempre”.

Aqui eles se referiam às notícias que saem sobre os Jogos Estaduais – JERNS e sobre a aprovação do vestibular, em que o Educandário tem um dos maiores índices de aprovação. Eles se veem representados quando se identificam como campeões de jogos ou como o grupo que será aprovado nos vestibulares.

No entanto, quando não são midiáticos de forma positiva, eles sabem criticar a mídia também.

“Mas a mídia manipula informação também. Na época que Maria Rêgo (mãe do vice-prefeito, ex-diretora e ainda proprietária da escola) arrendou o EIC ao Evolução<sup>18</sup>, todos pensavam que a escola ia acabar, só por causa do estardalhaço que a mídia daqui fez”.

“A mídia, do jeito que estava noticiando, estava tirando parte de nossa vida, porque sempre estivemos aqui. Isso é parte de nossa história”.

Já os participantes que tinham pais e familiares que faziam oposição ao prefeito, geralmente alunos da escola pública José Fernandes de Melo, nos seus discursos (dos adolescentes) caracterizaram o que Hall (2003) denomina como a segunda decodificação: a contra-hegemônica, oposicional, completamente oposta ao código preferencial, dominante, ou seja, quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem, mas a reinterpreta seguindo uma referência alternativa.

---

<sup>18</sup> Escola particular que é a principal concorrente do Educandário em Pau dos Ferros.

Em seguida existe o oposto disso, uma leitura sistemática do ponto de vista oposicionista, que pode ou não preferir entender o sentido preferido na construção, mas via de regra, retira do mesmo texto exatamente o oposto – entende, por exemplo, o exercício da lei e da ordem como um exercício de opressão, ou de resistência; olha as mesmas figuras e vê o outro lado delas. (HALL, 2003, p. 370)

Por exemplo, quando a população paufferense ouve o programa do prefeito tenta usar o discurso de Leonardo Rêgo para destacar as próprias falhas dele. Isso ficou muito bem demonstrado nas vozes dos estudantes que votavam ou tinham familiares que votavam em oposição ao prefeito. Até outros programas de rádio foram citados, como o do locutor Ismael Mendes, no qual se denunciavam os erros da administração pública atual da cidade, e ainda se referiam a esses programas como os únicos verdadeiros da mídia da cidade. As críticas ao prefeito foram feitas em tom enfático e áspero

“É um dos únicos que têm coragem de falar a verdade. Muitos vão para a rádio só encobrir o que o prefeito faz. Outros só colocam fotos do prefeito em eventos bonitos de inauguração. Ismael joga a lama no ventilador”.

Depois de uma réplica em defesa do prefeito, um amigo de sala defendeu o colega com a seguinte tréplica:

“Ele (se referindo a Leonardo Rêgo) só mostra o IFRN, mas onde estão as outras melhorias na educação da cidade? Porque ele não fala das escolas secundaristas públicas? O que ele fez foi arrancar as árvores que existiam no meio da Independência (uma avenida), deixando a cidade mais quente do que já é. É tudo mentira o que ele fala no ‘Conversando com o povo’”.

O Grupo Focal da Escola Estadual Prof. José Fernandes de Melo, que mais se enquadrou na segunda vertente de recepção proposta por Hall (2003), era formado por estudantes da Classe C, D e E, sendo todos moradores da cidade, alunos do 1, 2 e 3º ano do Ensino Médio, com idade entre 14 e 17 anos, e estudantes de escola pública a vida inteira.

Então não foi difícil perceber a unicidade do diálogo que sempre tendia não só para se opor à gestão do prefeito e o uso que ele faz dos meios de comunicação locais, mas também para falar sobre a própria mídia.

“Do mesmo jeito que o político faz uso da mídia para se fortalecer, a mídia também serve para nós protestarmos, dá nossa opinião”.

“É uma pena que não haja tanto espaço assim para nós darmos nossa opinião. O programa do prefeito fala dos projetos que já fez, dos programas que pretende fazer, não há espaço para participação popular, só ele fala”.

“A mídia é uma forma de alienação, sempre tem uma ideologia por trás”.

“A mídia é política porque sempre vai defender uma posição, aqui em Pau dos Ferros não é diferente”.

“O pior é que todos somos influenciáveis pela mídia. De certa forma, aquilo que vemos, ouvimos ou lemos vai influenciar nosso pensamento, e isso é muito fácil, porque, quase todos os dias, estamos em contato com a mídia”.

Assim, eles deixam claro que não estão descontentes só com a administração pública, mas com a mídia também.

“Que representação? Não temos isso, aqui ou acolá, na TV Assembléia, ou no blog do Capote, só aparece o prefeito falando”.

“É, mas é sempre só o prefeito quem tem vez”.

“Também faltam bons profissionais de mídia em Pau dos Ferros. Faltam oportunidades aos jovens que poderiam facilitar a representação deles na mídia”.

“Não somos representados nem politicamente, muito menos midiaticamente”.

Quando questionados sobre o futuro deles, aproveitaram para fazer suas denúncias.

“Aqui é muito difícil, apesar de todas as mudanças que já ocorreram. O poder público parece que se esqueceu deste lado. Nossos professores não são formados, passamos um bimestre inteiro sem professor de Química e agora temos que estudar o conteúdo todo corrido”.

“Pior é que o professor é da área de Biologia e dá aula de Química para nós”.

Como são de escolas públicas já se sentem em desvantagens em relação à competitividade que se estabelece em processos seletivos como o ENEM<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> Exame Nacional do Ensino Médio.

“Em termos de conteúdo e competitividade frente ao ENEM, nós estamos muito inferior às escolas particulares”.

“Quando estamos na metade do livro, eles já bateram a capa”.

“A infraestrutura conta bastante. Se a tivéssemos, íamos nos dedicar mais, sentir mais prazer ao estudar. Falta motivação. Ventiladores barulhentos têm de ficar desligados e a gente no calor”.

Mas ao se colocar à discussão a ampliação do ensino superior e técnico na cidade, as opiniões tenderam a um lado só de satisfação.

“O IFRN é um excelente centro de ensino”.

“Eu ia para São Paulo, para casa de familiares, fazer Enfermagem, mas aí chegou aqui, melhor ainda”.

“Eu queria fazer faculdade aqui, sou muito apegada aos meus pais, eu penso em fazer aqui”.

“Não há chances de eu ou meus pais pagarem um curso superior, por isso o Prouni<sup>20</sup> foi fundamental. Tenho muitos amigos que hoje fazem medicina, direito, tudo pelo Prouni”.

Finalmente, a terceira proposta de decodificação, a negociada, entre a hegemônica e a contra-hegemônica, diz respeito ao sentido da mensagem que entra em negociação com as condições internas e externas dos receptores. Esse tipo de decodificação foi percebida, por exemplo, na maioria dos discursos dos jovens universitários da UERN que não moram na cidade, só estudam em Pau dos Ferros, sendo adultos, de classes sociais variadas e não sendo comprometidos, ou não querendo se comprometer, partidariamente com a política local. Na maioria das vezes que foram inquiridos sobre política, educação e mídia, preferiam abordar os temas em âmbito nacional, falando de grandes emissores de televisões como Globo e Record, ou tratando a conquista da ampliação da UERN como algo primordial em suas vidas, mas fora dos percalços políticos. Até quando eram propostos tópicos que especificavam a cidade de Pau dos Ferros, na maioria das vezes, o silêncio e o entreolhar entre eles eram as respostas;

<sup>20</sup> PROUNI - Programa Universidade para Todos (política pública de educação do Governo Federal).

quando se manifestavam localmente, o faziam de maneiras negociadas. Emitiam opiniões que se faziam contra a gestão pública, mas com grandes ressalvas e vice-versa.

Com os outros dois Grupos Focais realizados no IFRN, um com os alunos do curso Técnico, outro com os alunos do Ensino Médio, também foi possível ordená-los dentro dessa terceira vertente de recepção de Hall (2003).

E quando inquiridos sobre os temas, as opiniões sobre a influência da mídia se sobressaltaram, mas sempre de uma maneira mais branda e negociável (“nem tão céu, nem tão inferno” – discurso de um estudante), inclusive ao falarem também do poder público.

“A mídia pode fortificar nosso pensamento ou modificar. Às vezes quando você vê alguém falando sobre algo, aquilo pode esclarecer suas ideias”.

“A política é quem move a educação. Esse instituto é pura política. Nos não teríamos condições de se deslocar para algum outro lugar mais longe que possa oferecer isso. Com certeza se não fosse os políticos, sejam deputados, governadores, prefeitos, não estaríamos aqui”.

“A mídia influencia você: a coca-cola, por exemplo, quem me ensinou a tomar e a gostar foi ela”.

Em suas falas, em grande medida, os alunos deixam evidente que, apesar do prefeito noticiar a conquista da implantação do IFRN na cidade como algo feito por ele, as pessoas daquele Instituto estendem isso a outros tipos de poder público, como governos Estadual e Federal e deputados. Estendem isso também à própria manifestação e necessidade da cidade. Aqui o poder executivo não é o herói, nem o vilão, mas mais um personagem na história toda.

Segundo Hall (2003, p. 371), as leituras negociadas são provavelmente o que a maioria das pessoas (ouvintes, leitores e eleitores...) fazem na maior parte do tempo. Dessa forma, dificilmente se estará completamente dentro de uma leitura preferencial e/ou totalmente a contrapelo do texto.

Assim considerado, é possível acertar que tais princípios de decodificação não precisam ser compreendidos como modelos deterministas, mas sempre como um processo de interação, intenções, fluxo e contrafluxo da informação midiaticizada.

## Considerações Finais

A ideia de que, embora a codificação possa ser feita de forma tal a privilegiar a ideologia (EAGLETON, 1997) dominante, nem sempre a decodificação o será, faz pensar também sobre como a produção e o consumo estão sempre em relação mútua, e como o receptor / decodificador / consumidor pode se empoderar diante do processo comunicativo.

Assim, mesmo no contrafluxo das relações de poder assimétricas, existem possibilidades distintas de recepção e circulação de informação midiática e bens simbólicos. A Esfera Pública<sup>21</sup> pode redesenhar a informação ao recepcioná-la e, ao circulá-la em seus cotidianos, refazem-se as práticas sociais.

Em relação a isso, os estudantes evidenciaram em seus discursos o quanto essa conversa sobre a educação, quando pautada pelo viés político, pode se dar de uma maneira mais crítica: “A mídia passa política, como essas propagandas políticas, e os políticos falam o querem passar para a gente votar neles”. Em grande parte, eles são cientes do que consomem e não se eximem de conversar sobre isso.

Segundo Braga (2006), quando a sociedade fala sobre a mídia, ela também seria capaz de fazer a crítica - que, portanto, não se restringe ao ambiente jornalístico ou acadêmico. Uma conversa de bar sobre a mídia, nesse sentido, também seria considerada crítica. A consciência da existência da crítica de sociedade, que não é melhor nem pior que as críticas especializadas, chama a atenção para a influência que ela é capaz de causar para as outras críticas e para os produtos midiáticos. No caso dessa pesquisa, o papel de fazer a análise foi dado aos jovens e adolescentes estudantes de Pau dos Ferros, os quais estão constantemente em contato com a mídia: consumindo suas mensagens, mas também dando respostas para reelaborá-las.

Os conceitos relacionados com mídia, política e educação se entrelaçam, então, a partir da ideia de sociedade, dos personagens sociais que fazem a cultura a partir de sua

---

<sup>21</sup> Atualmente a esfera pública é altamente permeada pela mídia e seus veículos se apresentam como instâncias, na qual é possível voltar-se para as necessidades e dificuldades pessoais, como autoridades para ajudar a viver. (GOMES, 1998; HABERMAS, 2003, p. 204).



interação com a mídia, que, além de representá-la, é parte mesmo constitutiva dessa sociedade, na qual se estabelece interações, criações e recriações. A construção de conceitos e a formulação de ideias, portanto, se dão em função do diálogo coletivo e das mediações.

Também foi possível verificar a decodificação como âmbito de produção de sentidos; fato que supera a supremacia dos meios e desloca para o receptor a capacidade de também dar significações aos conteúdos midiáticos. (JACKS, 2008). Nesse caso foi possível ver em Pau dos Ferros e na Região do Alto Oeste, apesar do uso massivo que o prefeito faz dos meios de comunicação a seu favor, que a recepção das emissões feitas pelo poder público é plural e pode ser reinventada de acordo com quem as consomem.

Assim, de acordo com Jacks (2008), o processo de recepção não se restringe ao momento de “assistir a TV” ou “ouvir rádio” ou ainda “acessar a web”, mas começa bem antes e termina bem depois desses atos. É importante ressaltar, por fim, mas não de forma conclusiva, que esse processo começa desde as primeiras interações e mediações familiares e se estendem à circulação das informações em meio às instituições de ensino.

## Referências

- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia** – dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.
- CANCLINI, Néstor Garcia. O Consumo Serve Para Pensar. In: **Consumidores e Cidadãos - conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.
- COUTO, Paloma Rodrigues Destro; RIBEIRO, José Luiz. As máscaras de Jon Snow: diferentes identidades do personagem da série Game of Thrones. In: **Mídia e Cotidiano**. Artigos Seção Livre. Niterói: UFF, n. 3, pp. 355-375, dez. 2013.
- DIJK, Teun A. Van. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2012a.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e Contexto**. São Paulo: Contexto, 2012b.
- EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma «analítica» da mediação. In: **Matrizes**. São Paulo: n. 2, abr. 2008.

- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- GARCIA, Luciane Terra dos Santos; QUEIROZ, Maria Aparecida de. **Embates pedagógicos e organizacionais nas políticas de educação**. Natal: EDUFRN, 2009.
- GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.
- GOMES, Wilson. Esfera pública política e media: com Habermas contra Habermas. In: **Produção e recepção dos sentidos midiáticos**. (Orgs.) RUBIM, Antônio Albino; BENTZ, Ione Maria & PINTO, Milton José. Petrópolis: Vozes, 1998.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- JACKS, Nilda (Coord.). **Meios de audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- MATOS, Heloiza; NOBRE, Guilherme Fráguas. Capacitação em comunicação pública e em comunicação política: democratizando as habilidades parlamentares civis. In: **Mídia e Cotidiano**. Dossiê Comunicação e Cidadania. Niterói: UFF, n. 5, dez. 2014.
- MORAES, Denis de. **Estado, políticas de comunicação e transformações na América Latina**. Rio de Janeiro: ECO-PÓS, 2008.
- ORTIZ, Renato. Estudos culturais. In: **Tempo Social**. Versão On-line ISSN 1809-4554, v.16, n.1. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702004000100007>. Acesso em: 29 ago. 2015.
- POWELL R.A.; & SINGLE H.M. Focus groups. In: **International Journal of Quality in Health Care**. n. 8 (5): pp. 499-504, 1996.